

PARIS: MAIO DE 68

SOLIDARITY. Paris: maio de 68. Tradução de Leo Vinicius. São Paulo: Conrad, 2008. 80 p.

Alexandre de Freitas Silva**

O relato desse livro tem por função informar ao leitor o que ocorreu nas ruas de Paris, em de maio de 1968: o fim de uma era. Esse ocorrido, não pesquisado por um historiador, foi testemunhado por um suposto Maurice Brinton, membro do grupo Solidarity, o que aumenta o valor desse documento histórico, que nos apresenta fatos que abalaram os alicerces da sociedade burguesa francesa. Publicada originalmente em 1968, essa obra apresenta o calor de um momento que nunca foi esquecido, envolvendo o movimento estudantil da França e sua marca por toda a História.

Diferentes grupos esquerdistas caminhando pelas ruas, muitos pensamentos nem sempre focados num mesmo objetivo, numa mesma visão política, eram elementos presentes nesse tumultuado cenário. Muitas vezes, uns se opoem a outros. Porém, independente de quaisquer razões, os estudantes ocuparam a Sorbonne (renomada Universidade localizada em Paris), considerada anacrônica, com o intuito de modernizá-la, de tirá-la da alienação. Esse grande movimento teve origem nas faculdades de Psicologia e Sociologia de Nanterre, onde os estudantes deduziram que tudo que lhes era ensinado tinha a função de controlar e manipular a sociedade. Eram jovens que não viam significado da vida no capitalismo burocrático moderno.

O *Quartier Latin* foi ocupado pela polícia por toda a semana em que aconteceram as manifestações estudantis. Os estudantes também ocuparam o *Censier* (a nova Faculdade de Letras de Paris), uma construção feita de aço, concreto e vidro, detentora de uma arquitetura moderna para a época. Comícios marcados para protestar contra o fechamento da faculdade de Nanterre, greves e ocupações de fábrica espalharam rastros de pólvora por todos os cantos do país. Esse foi um momento de grandes acontecimentos para a França. Desde a Comuna de Paris,

* Prof. Ms. em Educação pela Uniso
E-mail: alexandre_freitas32@hotmail.com

esse foi o maior levantamento revolucionário ocorrido na Europa Ocidental, em que centenas de milhares de estudantes travaram batalhas de grande magnitude com a polícia. Muitos trabalhadores entraram em greve. Fábricas ocupadas, universidades, escolas, estaleiros, lojas, teatros, hotéis, navios ancorados tiveram bandeiras vermelhas tremulando por todo o tempo. Quase todos os setores da sociedade francesa se envolveram de alguma forma, no movimento.

Finalmente, em 23 de maio, numa segunda-feira de manhã, os estudantes entraram na Sorbonne, primeiro em pequenos grupos, passando para centenas e, em seguida milhares. Na metade do dia, a ocupação já estava concluída. O que antes era um recinto sacrossanto, agora era o local em que estudantes, seus burburinhos e enormes bandeiras percorriam todo o espaço. Fora, em seus jardins, barracas com literatura política eram vistas em demasia, somadas a cartazes de grandes personalidades de esquerda e denúncias contra abusos de poder, que decoravam seus muros. Os cartazes refletiam a filosofia libertária que se exaltava: “A humanidade só será livre quando o último capitalista for enforcado com as tripas do último burocrata”, ou “A cultura está se desintegrando, Crie!”, ou “Criatividade, espontaneidade, vida”, ou apenas, “Eu faço dos meus desejos a realidade por eu acreditar na realidade dos meus desejos”. Os auditórios permaneciam sempre lotados, sendo locais de constantes debates sobre qualquer tema a respeito do ser humano, da política à sexualidade. As preocupações eram variadas. Dia após dia, os corredores se mantinham cheios, com pessoas andando por toda parte e para toda parte. Uma nova estrutura estava, aos poucos, sendo construída. A partir daquele momento, a universidade se abria a todos que devotaram seus esforços para a total subversão da sociedade burguesa.

O que aconteceu nos dias que se seguiram deixará uma marca permanente no sistema educacional francês, na estrutura da sociedade francesa e na cabeça das pessoas que viveram e fizeram história durante os agitados primeiros quinze dias. A Sorbonne foi transformada, de uma hora para outra, de um antiquado e sagrado recinto onde o capitalismo francês selecionava e moldava seus hierarcas, seus tecnocratas e sua burocracia administrativa, em um vulcão revolucionário em plena erupção, fervendo, cuja lava se espalharia por toda a França, cauterizando assim, sua estrutura social.